

NCr\$ 1,20 - 19 DE OUTUBRO DE 1968

# O CRUZEIRO

SENSACIONAL  
A PESCA  
DA BALEIA

SÃO PAULO:  
O CONFLITO DOS  
ESTUDANTES



CHE GUEVARA  
NO CINEMA

EM CÔRES  
A GRANDE NOITE DO  
FESTIVAL

**Presidente** Amélia Whitaker Gondim de Oliveira  
**Vice-Presidente** Theophilo de Andrade  
**Diretor-Geral** Leão Gondim de Oliveira  
**Editor-Geral** Austregésilo de Athayde  
**Superintendente** José Velasco Portinho  
**Assistente-Geral** Wolmar Pimenta Soares  
**Diretor de Publicidade** Hélio Lo Bianco  
**Diretor e Redator Principal** David Nasser  
**Diretor** José Amândio

**Diretor de Redação** Raul Giudicelli  
**Assistente** Roberto Mota  
**Chefe de Redação** Alfredo de Belmont Pessão  
**Chefe de Reportagem** Fernando Pinto

**Repórteres:** Ed Keffel, Arlindo Silva, Indolécio Wanderley, Ubiratão de Lemos, Mário de Moraes, Jorge Audi, Elias Nasser, Luiz Alfredo, Geraldo Violo, Manoel Motta, José Franco, José Nicolau, Fernando Richard, Afrânio Brasil Soares, Hélio Passos, Douglas Alexandre, Walter Luiz Rosa, Miguel Angelo M. Gonçalves, Fernando Seixas, Marco Antônio Montandon, Fernando Pimentel, Nilton Copparali, Sérgio Rocha, Jorge César, Hugo Góes, Cláudio Kuck, Cláudio Lyssac, Antônio Manduca Neto, Luis Antônio Luz, Ronaldo Câmara, Carlos Cruz, Robson de Freitas, Alday Tavares e Ubirajara Dettmar. **Textos:** Antônio Nogueira Machado, Gullter Mathias Netto, Isabel Câmara e Vander de Castro. **Pesquisa:** Júlio Bartolo, Francisca Nelson e Gilberto Pereira do Vale. **Arte:** João Américo de Barros (chefe), Belmiro Pires, Jesus José da Costa, José da Rocha Pereira, Jorge Albino e Euclides Goldino da Silva. **Revisão:** João Octávio Facundo (chefe). **Colaboradores:** Rachel de Queiroz, Theresza de Paula Penna, Amílde Pedrosa, Carlos Estêvão, Alceu Penna, Nelhemias Gueiros, Sylvia Alves, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Pedro Lima, Edir Pinheiro Guimarães e Odárico Tavares. **Documentação e Arquivo:** Luís da Silva Henriques (chefe). **Departamento de Reportagens Especial:** Rua do Livramento, 189/8.º andar — Tel. 43-4977 — Diretor: Clodomir Leite. **Serviços:** S. Paulo — Redação — Rua 7 de Abril, 230/9.º andar — Tel. 36-6241 — Diretor: Arlindo Silva — Publicidade: Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados Ltda. — Tel. 32-0217 — Diretor: Amílcar Mercadante Leite do Canto. Belo Horizonte: Rua Goitacazes, 15/7.º andar, 5/715 — Tel. 4-0137 — Diretor: Eugênio Silva. Brasília: Av. W3, Quadra 16, casa 54 — Tel. 24-578 — Diretor: Benedito Coutinho. Recife: Avenida Dantas Barreto, 324/3.º andar — Tel. 40-841 — Diretor: Hilton Cunha. Porto Alegre: Representante — SIRT (Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados Ltda.) — Rua 7 de Setembro, 1123 — 1.º andar — Tel. 4-0034 — Diretor: Carlos Santos Pereira. Correspondente na Argentina: Verônica Hollander.

Agentes em todo o Brasil e correspondentes nas principais cidades do Mundo

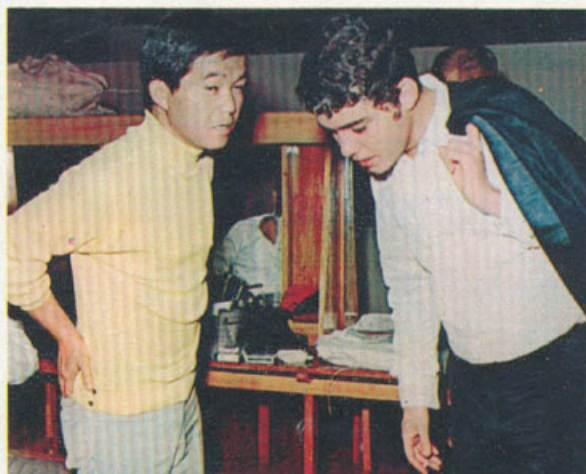
Redação — Administração:

Rua do Livramento, 189, Rio de Janeiro — Tel. 43-4977 e 23-1733 (Rêde Interna) — 43-7293 e 43-7073 (Publicidade) — Endereço Telefônico: Constação.

ASSINATURA ANUAL: NC\$ 50,00



PROPRIEDADE DA EMPRESA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.



*Um diálogo difícil: o japonês Sakamoto fala; Chico Buarque não entende. O idioma os separa, como os separou a classificação do III Festival Internacional da Canção. Chico, autor da letra de Sabiá, ganhou com Tom Jobim o Galo de Ouro. Kyu Sakamoto cantou Sayonara que o público elegeu, mas o júri colocou em 7.º lugar. O povo foi capaz de ouvir. Os entendidos, porém, não entenderam.*

## REPORTAGENS

A Grande Noite do Festival	4
Êsse Mundo do Festival	11
Chico e Tom — Entrevista	19
Quando a Canção Vai à Praia	22
O Velho e o Nôvo no Festival	26
A Olimpíada Ameaçada	28
Atualidades	30, 35
Guerra pela Independência	32
Almôço com as Estrélas	36
Darci Ribeiro Anos Depois	38
Annie Duperrey	42
Família Ponte Preto Depois de Stanislav	52
Eu Sou o Labareda de Lampião	54
Até que as Baleias se Acabem	60
Espectáculo Barraco na Bahia	66
Tempo de Mudança	74
A Selva ao Alcance de Todos	83
Quem é Você, Armando Marques?	92
De que Morrem os Nossos Craques	96
E Agora, a Lua	106
Che Guevara no Cinema	110
Êles Brigam e Morrem	120
Êles Também Cantam	126

Barbarella no Cinema	132
Crime sem Perdão	134
O Homem que Veio de Longe	136
A Volta de Patricia Neal	142

## SEÇÕES

Austregésilo de Athayde	44
Heureca	47
Omar Cardoso	48
Pelo Brasil, Pelo Mundo	51
Pedro Calmon	58
Lar, Doce Lar	80
O Impossível Acontece	100
Em Confiança	116
Conversa com o Leitor	130

## HUMORISMO

Carlos Estêvão	91
O Centavo	94, 102, 114, 118
Jeremias, o Bom	128
Redi, Pimentel	140
O Amigo da Onça	146

## POLÍTICA

Revisão dos Erros do Congresso	104
--------------------------------	-----

## CAPA



Cinara e Cibele dividiram a platéia do Maracanzinho ao vencerem o III FIC, com Sabiá, de Chico Buarque e Antônio Carlos Jobim, que também dividiram com elas o lugar de honra do Festival e a nossa capa deste número, que é de Augusto Corsino.

O CRUZEIRO NO FESTIVAL



# A GRANDE NOITE DA CANÇÃO

*Esta noite internacional que somou todas as emoções: a doçura de Françoise Hardy, o inconformismo do americano Michael Dees ao ser vaiado, a loucura de Antoine, a tranqüilidade de Cinaïa e Cibele. A última noite do Festival reunia um público vibrante que vaiou mais que aplaudiu, surpreso pela vitória de "Sabá"*



*Alguns artistas começam a ter medo do Festival. Uma vaia pode destruir sua carreira*



A última noite revelou os vitoriosos do Festival. Mais uma vez, público e júri não se entenderam na hora da classificação final. Paul Anka (esquerda, acima) levou o 2.º lugar para o Canadá, além do título de melhor intérprete. Levou também uma vaia de dez minutos porque o público do Maracanãzinho esperava esta colocação para o representante do Japão, Kyu Sakamoto (esq., abaixo), com sua música *Sayonara*. Kyu acabou em 7.º lugar, o que foi considerado uma grande injustiça.

Michael Dees, dos EUA, ganhou o 3.º lugar, foi a revelação masculina do Festival (segunda à esquerda). Pino Donaggio (ao lado) achou justo o seu 4.º lugar, mas Romuald, de Andorra (foto abaixo), achou que poderia conseguir melhor colocação. Foi o mais ovacionado da parte Internacional, e muitos apontavam sua música — *O Barulho das Ondas* — como provável vencedora. A revelação feminina foi Martine Baujoud — *Um Domingo após o Fim do Mundo* —, concorrente de Mônaco.



*Romuald, de Andorra, bisou sua música a pedidos do público. Foi o mais aplaudido*



A canção da Noruega, *Eu Me Sinto Tão Forte*, ganhou oitavo lugar na interpretação de Kirsti Sparbae. Em nono lugar ficou a da Tchecoslováquia, com *Lady Carnaval*, cantada por Karel Gott, que foi apontado como boa pinta do Festival. O último lugar foi dado aos Con's Combo, da Suécia, que trouxeram o iê-iê-iê para o Maracanãzinho. Os concorrentes, de um modo geral, gostaram da classificação oficial e se confraternizaram no fim. O público vaiou à vontade.

Depois da apresentação de todas as músicas do Internacional, a expectativa do resultado criou a tensão nos bastidores. Chico Buarque e Tom Jobim tomaram, juntos, uma série de cafêzinhos (seis) até serem chamados como os vencedores do Festival. Após a proclamação de *Sabiá*, a grega Marinella foi a primeira a abraçar Chico Buarque. A inglesa Anita Harris (abaixo) abusou da mini e desviou as atenções



*Depois da vitória, a timidez de Tom e Chico, que não queriam mais voltar ao palco.*

"Vou pro mar; se estiver manso vou nadar pra fora".

A frase é de Tom, logo na saída do Maracanãzinho, indo comemorar a vitória de *Sabiá* junto com Chico, Cinara e Cibele. O Festival terminou com os protestos e valas de sempre, apesar de o resultado não ter desagradado muito. A surpresa foi o 7º lugar do Japão; esperavam uma classificação melhor para Sakamoto. A não inclusão da música de Françoise Hardy nas 10 primeiras colocadas foi outra surpresa.

As apostas nos intervalos eram muitas, e em todas a francesa era cotada para o 2º lugar. Muitas apostas, muitos perdedores; Tom entre eles. Apostou uma caixa de uísque com Vinicius de Moraes na fase nacional. Estava certo de que perderia. E perdeu, mas o uísque. Apostou outra caixa com Billy Blanco de que perderia na fase internacional. Ganhou. Perdeu duas caixas de uísque. Que os 4.200 dólares do 1º lugar vão pagar logo.

Não houve quem não tentasse conquistar o público; todos os artistas cantavam e representavam para ele.

Ante chegou a deixar de lado a interpretação da música para pular e gritar pelo palco com a camisa do Flamengo. A inglesa Anita Harris, com a mini mais mini do Festival, e a espanhola Salomé, tocando castanholas num iê-iê, faziam média com a plateia. Michael Dees, dos Estados Unidos, pedía calma aos que o viajavam, depois que sua música foi classificada em 3º lugar. Paul Anka também não gostou quando o Maracanãzinho discordou do seu 2º lugar. Andorra ficou em 5º, apesar dos aplausos, e a Itália em 4º. Não houve reclamação quanto às classificações da Suécia (10º), Tchecoslováquia (9º) e Mônaco (6º). De resto, o mesmo de sempre: a organização funcionando algumas vezes e falhando em outras, muito policiamento e protecionismo a certos órgãos de imprensa; o apresentador oficial dando o seu espetáculo costumeiro, chegando a irritar o público. Muita gente, na hora, ficou sem saber que a Noruega se classificara em 8º lugar.



Antoine foi a grande estrela do Festival. Cantou sentado, correu no meio da orquestra e, durante seu número, tirou o paletó para mostrar a camisa do Silva, n.º 10 do Flamengo, que lhe foi dada de presente. Antoine, que veio representando Luxemburgo, não foi classificado nem ganhou prêmios especiais. Mas sua figura foi considerada pelo público a mais simpática, entre os concorrentes estrangeiros.



Equipe de cobertura no Festival:  
ANÍBAL FERNANDO, CLAUDIO LYSIAS, JORGE  
CESAR, NILTON CAPARELLI, ALDYR TAVARES,  
AUGUSTO CORREIO, REINALDO LUTTI, RONALDO  
CÂMARA e SÉRGIO ROCHA

*Chico Buarque veio correndo da Itália, ao saber da  
vaia do Maracanãzinho na noite da final da fase brasileira do Festival,  
para ficar junto de Tom até a hora do último canto*



A marca do Tom. O sabiá em cima do piano, Tom ganhou de presente. Mas foi Chico quem o pôs na letra e no título da canção vitoriosa.

*Para o letrista da música vencedora do III FIC, a  
vaia é o Hino Nacional no atual clima brasileiro, que a propicia. Ela,  
porém, é para todo mundo, para quem vaia também. Não é nem problema de  
respeito a Tom Jobim. A questão é saber esperar*

# DEPOIS DA VITÓRIA

Texto de JORGE CÉSAR

Fotos de AUGUSTO CORSINO

*Quando Tom e Chico fizeram a música não pensaram em ganhar o 1.º prêmio*



## Chico telegrafou com endereço misturado: a rua de Vinicius, o número da casa de Tom

A música vencedora do III Festival Internacional da Canção não tinha esse nome não. A princípio, ela ia se chamar Gávea, e foi composta para a cantora de música de câmara Maria Lúcia Godói. Mas acabou sendo Sabá porque Chico assim quis na sua poesia.

Por causa do Sabá, Chico veio correndo da Itália para ficar junto do Tom. De lá, de Veneza, mandou um telegrama em latim: "Bebé Victoria firmata" (Bebé é o apelido carinhoso do Tom). Tom conta uma estória ininteressante sobre esse telegrama, fazendo a apologia de Vinicius:

— O Vinicius de Moraes é tão importante na nossa vida que o telegrama que eu recebi do Chico foi endereçado assim: Rua Diamantina, 108. Acontece que a Rua Diamantina é onde mora o Vinicius, e 108 é o número da minha casa, em outro bairro. De modo que isso diz tudo da alma do Chico.

E Vinicius recebeu o telegrama. Tom contou essa estória completando um pensamento de Chico:

— As músicas que eu fiz, as letras que eu fiz, principalmente, foram as letras que Vinicius não quis fazer. O letrista da Bossa Nova foi Vinicius. O letrista que inventou a contrabossa Nova foi Vinicius. O letrista que inventou a contra-contrabossa nova, foi Vinicius. E nós estamos todos esperando o Vinicius inventar outra contra-contrabossa-contrabossa e dar mil voltas em torno dele, que ele está sempre lá. Ele não está fazendo nada. Não fez nada agora, então nós estamos quietos. Eu estou só esperando Vinicius.

### CLIMA DE VAIA

Chico não pára de falar. De Vinicius, de festival, de sabá e de vaia.

— Eu acho que o atual clima brasileiro propicia uma vaia. O pessoal tá sempre a fim de vaia mesmo. Torce mais contra do que a favor de uma música. Isso tem uma razão. Talvez eles tenham razão. E talvez a gente que faz música não tenha razão. Eu aceito a vaia. A vaia é pra quem vaia também, é pra todo mundo. Afinal nós estamos num país de vaia e a vaia é o Hino Nacional.

Tom e Chico foram juntos ao Maracanãzinho. Lá o Sabá cantou na voz de Chico e Cibele. Tom saiu que ouvir o Sabá cantar em Festival dáigê sacrificios. Sobre tudo quando é o melhor canto do Festival. Chico sofreu muito.

Depois que Cinara e Cibele cantaram a música pela última vez — o canto da vitória —, Tom e Chico sofreram muito mais do que a expectativa os fizera sofrer. Foi um massacre de gente, câmaras, flashes, microfones sobre



Tom, ao piano, e o menino Chico. A música brasileira sempre em 1.º lugar.

## Tom Jobim terminou a letra que Chico deixou inacabada porque viajou antes para a Itália

forma de protesto. Ele aprendi isso quando comecei a compor com o nosso Vinicius. Vinicius foi quem criou a linha da música de protesto, que fiz sucesso e que se despatou com Burtinbau. Ele criou o antiprotesto, que é essa coisa um pouco saudosista, que era ao mesmo tempo uma forma de protesto, protesto dóce. Numas de suas músicas ele diz: "Ah, que saudade daqueles carnavales!" Isso é uma forma de dizer que hoje nada presta. Podem dizer que isso é saudosismo. Mas esse saudosismo hoje já está ficando caduco e doente. E nós sabemos disso tudo. E essa saudade existe dentro da gente, e a música é uma autocritica a essa saudade láda, sobreavergada e sabendo que não pode ser e que é uma bobagem ter essa saudade toda, porque isso é e assim mesmo. Então, é um auto-retrato feio e bonito ao mesmo tempo.

### EXPERIÊNCIA NOVA

Chico confessa que Sabá é uma coisa completamente diferente das músicas que faz normalmente. Fazer uma parceria com o Tom, para Chico, é uma experiência nova, um trabalho diferente dos outros. Tudo diferente que não dá nem para comparar com as músicas que já fez. A música de Tom já estava pronta quando Chico começou a fazer a letra. Foi mais ou menos na época, em que ele fez Retrato em Preto e

cois, aturidos pela explosão de entusiasmo nos bastidores. Não mais andaram. Foram levados, arrastados. Tinham que falar, abraçar, beijar. Todos queriam ouvi-los, senti-los, pegar-lhes. E não menos aturidos estávam Cinara e Cibele, que viviam em ritmo de ano-ano desde o primeiro canto do Sabá. No fim, os caminhos de Chico e Tom se separaram velocemente pelas ruas da cidade. Perseguidos, fugiram. Cada um querendo encontrar o outro, o que se tornava impossível, porque todos queriam encontrar os dois. Os amigos pensaram encontrá-los em casa. Em vão. Mas casas dos amigos, onde poderiam ir, não foram. Foram para onde nenhum amigo pensasse que podessem ir.

### AUTOCRITICA SAUDOSISTA

Para quem ainda não entendeu a Sabá, Chico explica:

— Quase uma autocritica saudosista, que é Tom, que sou eu, e é todo brasileiro. No fim das contas, não existe mais isso. Não existe mais sabá, nem palmeiras, nem coisas nenhuma. E bom não existir mais. Mas não é uma posição, isso eu faço questão de dizer. É uma coisa de saudade. É uma



Chico e Vinicius. O letrista da Bossa Nova é



A nova parceria. Vinicius de Moraes está trabalhando numa música com Tom Jobim e Chico Buarque, sob o signo inspirador da vitória.

## Chico: amanhã, o Tom vai embora, gravar um disco com Sinatra, faz o nome no exterior e aí o pessoal aqui no Brasil fica de boca aberta

Brasil. Deixou ainda algumas partes da letra por fazer, porque viajou para a Itália. Tom acabou o trabalho.

Vinicius vem ao encontro de Tom e Chico. Abre-os fortemente. Vinicius está preparando uma música com os dois vencedores do III FIC.

A Sabá que Tom ganhou de presente está em cima do piano e é o centro das atenções. Tom, Chico e Vinicius divertem-se com ela. Chico explica:

— Sabá é patente do Tom. Ele chamou a música de Sabá ou de Gávea. Já Gávea e o Sabá se completam na paisagem tranqüila da casa de Tom). O Tom compõe música e tem ideias sobre temas de letras, e a partir disto a gente vai levando adiante.

### QUESTÃO DE JULGAMENTO

Com Vinicius sempre observando e ouvindo mais do que falando, Chico volta a falar sobre a vaia:

— Se foi pra mim, se foi pro Tom, se foi pro Sabá não interessa. Eu acho que a vaia não é nem problema de respeito ao Tom Jobim. Amanhã o Tom vai embora, gravar um disco com Sinatra, adquirir o nome que ele tem lá no exterior — e eu vi isso —, aí o pessoal aqui no Brasil fica de boca aberta, faz uma sala com o nome dele, uma porção de homenagens pra ele. Isso eu acho tão inútil como uma vaia.

O problema não é respeitar Tom Jobim. Chico cotoca a questão:

— O problema é saber esperar, ter paciência e fazer um julgamento depois de ouvir as coisas direito. Eu tenho certeza que a música do Tom é bonita. Eu não posso falar da minha letra. Mas tenho certeza que a música do Tom é muito bonita. Sabá é muito bonita.

Tom não se preocupa com críticas que estão sendo feitas a Sabá. Principalmente as que dizem respeito às pequenas questões de português:

— Isso é besteira. Se é a estátu ou o Sabá. Tanto se pode dizer a como a Sabá. E o mesmo.

Vinicius resume a sua opinião:

— Eu votaria em Sabá para primeiro lugar.

Vinicius, aliás, confiava na música desde o início, e ganhou duas caixas de usque do Tom. Tom apertou duas caixas sua própria música, e como perdeu outra para Billy Blanco, as vitórias no Festival já custaram três caixas de usque. Escóto.

### SURPRESA DA NOTICIA

Chico diz que recebeu com surpresa, em Veneza, a notícia da vitória na fase nacional.

— Quando Tom e eu fizemos a música não estávamos pensando em 1.º prêmio, mas também eu não estava pensando em nada disso. Depois eu fiquei sabendo do negócio da vaia. Ai eu fiquei preocupado com a coisa. Mas, de qualquer maneira, foi uma alegria muito grande.

Comemoração? Não houve.

— O hábito de comemorar é muito brasileiro. Eu estava em Veneza, e não dava muita vontade de pular numa glândula. A gente fica numa alegria muito grande, mas sempre tem que conter um pouquinho.

No fim de tudo, Chico tira uma conclusão aparentemente pessimista, mas que foi pronunciada com a força da convicção:

— A música não é o que querem que seja. A música não vai resolver coisa nenhuma.